



Seção

Temática Livre



Ideias escatológicas e posicionamento político de um intelectual pentecostal no jornal *Mensageiro da Paz*, entre 1931 e 1944

Eschatological ideas and political positioning of a Pentecostal intellectual in the Mensageiro da Paz journal, between 1931 and 1944

Francisco Alexandre Gomes¹⁸³

Doutorando no PPG em História da Universidade Federal do Ceará

Resumo: Este trabalho focaliza os textos de Antônio Torres Galvão, presentes no Jornal *Mensageiro da Paz*, entre 1931 e 1944, em que o autor aborda assuntos escatológicos e políticos. Antônio Torres Galvão atuou em vários campos: pastor das Assembleias de Deus, trabalhador na Companhia de Tecidos Paulista (CTP), presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Fiação e Tecelagem de Paulista e Igarassu, conselheiro do Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região, deputado estadual e governador de Pernambuco. Existem pesquisas sobre sua atuação sindical e política, porém, pouco se estudou sobre o seu papel de intelectual mediador do pentecostalismo brasileiro, justamente a característica que será realçada aqui. Nas décadas de 1930 e 1940, foi um dos autores mais lidos pelos pentecostais no Brasil, quando divulgou no *Mensageiro da Paz* suas ideias escatológicas dispensacionalista, pré-tribulacionista e pré-milenial; um posicionamento político contra o fascismo, o nazismo e o stalinismo; e seu apoio ao governo Vargas.

Palavras-Chave: Intelectual. Escatologia. Política. Pentecostalismo.

Abstract: This work put on focus the texts of Antônio Torres Galvão, present in the *Mensageiro da Paz* journal, between 1931 and 1944, in which the author addresses eschatological and political issues. Antônio Torres Galvão worked in different Fields: pastor of the Assembleias de Deus, worker in the Tecidos Paulista Company (CTP), president of Syndicate of Workers of Spinning and Weaving of Paulist and Iraguassu, counselor of Regional Court of Work of 6ª region, state representative and governor in Pernambuco. Exists research about his syndical and political act, but, it studied a little about the intellectual role of mediator of the Brazilian Pentecostalism, precisely the emphasized characteristic here. In the decades of 1930 and 1940, he was one of the writers most read for Pentecostals in Brazil, when publicized in the *Mensageiro da Paz* his eschatological ideas dispensationalist, pre-tribulationist and pre-millennial; a political

¹⁸³ Doutorando no PPGH/UFC, mestre em História pela Universidade Federal do Ceará, graduado em História pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professor na Secretaria Municipal de Educação de Beberibe (SME) e na Secretaria da Educação Básica do Ceará (SEDUC-CE).

positioning against the Fascism, the Nazism and the Stalinism; and the support to the Vargas government.

Keywords: Intellectual. Eschatological. Politics. Pentecostalism.

Introdução

Este trabalho, põe em foco os artigos de Antônio Torres Galvão (doravante, A. T. Galvão), publicados no jornal *Mensageiro da Paz*, nas décadas de 1930 e 1940. Foram analisados 33 artigos que tratam de forma direta ou indireta da Volta de Jesus e da implantação do Milênio¹⁸⁴. Os marcos temporais seguem essa temática, a primeira publicação do autor desta natureza ocorreu em novembro de 1931; a última em abril de 1944.

A primeira seção deste artigo apresentará o suporte onde os textos de A. T. Galvão foram publicados, o jornal *Mensageiro da Paz*, tentando abarcar as dimensões de produção, circulação e leitura; a segunda, apresentará alguns dos diversos campos de atuação do personagem em foco: vida pessoal, líder religioso, sindicalista, político e escritor.

A terceira seção analisará os artigos de A. T. Galvão, compreendendo-o como um “intelectual mediador”, que ajudou a moldar e promover a circulação de ideias escatológicas e políticas entre os pentecostais no Brasil. Desse modo, difundiu a escatologia dispensacionalista¹⁸⁵, pré-tribulacionista¹⁸⁶ e pré-milenial¹⁸⁷; seu posicionamento político contra o fascismo, o nazismo e o stalinismo; e seu apoio ao governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

1 Produção, circulação e leitura do *Mensageiro da Paz*

Desde 1919, com a publicação do jornal *Boa Semente*, em Belém do Pará, a imprensa fez parte do processo de divulgação das ideias pentecostais pelas Assembleias de Deus (ADs). Porém, ainda não existia um projeto editorial institucionalizado, até 1930, quando na primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) foi instituído o jornal *Mensageiro da Paz*, para ser o único meio de

¹⁸⁴ Um período na história em que Jesus Cristo governará, literalmente, o planeta terra durante mil anos, tendo os cristãos, que cumpriram certos requisitos e vivenciaram determinadas experiências, no seu séquito.

¹⁸⁵ A versão teológica dispensacionalista mais difundida no pentecostalismo brasileiro comporta a história em um sistema dividido por sete dispensações ou períodos: Inocência, Consciência, Governo Humano, Promessa, Lei, Graça e o Milênio. As cinco primeiras dispensações ocorreram nos tempos bíblicos do Antigo Testamento. A sexta dispensação, a da Graça, coincide com a Era cristã, desde o primeiro século até o tempo corrente. E a sétima e última dispensação, o Milênio, é vista como iminente e será implantada após a Volta triunfal de Jesus ao planeta terra.

¹⁸⁶ Para os pré-tribulacionistas, no final da dispensação da Graça e antes da implantação do Milênio, haverá um período denominado de Grande Tribulação, um tempo catastrófico sem precedentes na história. Porém, a igreja, ou seja, os salvos por Jesus Cristo, não passarão pela Grande Tribulação, pois o próprio Jesus voltará do céu para “arrebatar”, tirar desse mundo, os escolhidos, antes da Grande Tribulação iniciar.

¹⁸⁷ O pré-milenismo argumenta que Jesus virá uma segunda vez à terra, tal fato será surpreendente e visível, facilmente observável por qualquer pessoa e, como consequência, inconfundível. Somente a partir deste retorno é que ocorrerá a implantação da dispensação do Milênio. Portanto, é impossível a existência de um Reino milenial de Cristo, sem que antes tenha ocorrido a segunda vinda de Jesus ao planeta terra.

comunicação oficial das ADs no Brasil; foi neste veículo que os textos de A. T. Galvão foram publicados.

Em dezembro de 1930, a tiragem inicial do jornal foi de 2.200 exemplares; em 1937 esse número chegou a 12.700; em 1945 atingiu a marca de 17.500; e em 1950 a tiragem alcançou 38 mil exemplares. A periodicidade era quinzenal, sendo o jornal vendido de forma individual ou por assinatura. A distribuição era realizada pelas igrejas locais¹⁸⁸, que recebiam as remessas e distribuíaam aos assinantes ou vendiam aos fiéis e aos não crentes.

O periódico era editado na capital do país, à época, o Rio de Janeiro-DF, nas instalações da Assembleia de Deus de São Cristóvão, porém a impressão era realizada em gráficas comerciais. Permaneceu assim até 1948, quando as máquinas do parque gráfico da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) passaram a imprimir as publicações oficiais da igreja.

Na grande maioria das vezes o jornal teve oito páginas, nas quais eram publicados: estudos bíblicos, artigos de opinião, sermões, relatos de viagens, testemunhos, propaganda dos demais impressos assembleianos, informações das igrejas locais e notícias internacionais. O uso das imagens foi raro, exceto, na coluna “*Na Seara do Senhor*”, nesta, as igrejas locais pagavam para publicar as fotografias de seus templos, eventos e membros.

Nas décadas de 30 e 40 o jornal enfrentou muitos problemas de continuidade e de insuficiência financeira, constantemente aludidas:

Muitos, talvez, ainda ignorem os esforços e sacrifícios que custa a manutenção de um jornal; se o soubessem, estamos certos, não deixaram de cumprir, diligentemente, com a obrigação direta ou indireta que tem para com o mesmo. Intelectual e espiritualmente, o “*Mensageiro da Paz*” tem a sua vida mais do que segura, pois depende, unicamente, de Deus; financeiramente, porém, somos nós, que o lemos quem o devemos manter.¹⁸⁹

Aqui, pode-se atentar para o trecho em que os editores colocam a responsabilidade financeira nos leitores. O jornal era considerado uma dádiva divina, mas precisava ser sustentado pelo seu público. Além dos problemas financeiros, havia os da distribuição realizada pelos Correios. Por ser editado e impresso no Rio de Janeiro, era frequente ocorrer atraso nas remessas para os demais estados e regiões do país. Ainda assim, no final dos anos 1940, o periódico alcançava as 26 unidades da Federação onde havia igrejas Assembleias de Deus.¹⁹⁰

Quanto ao público leitor do jornal assembleiano, é possível destacar três tipologias: os líderes (pastores e missionários), os crentes leigos¹⁹¹ e os não crentes. Certamente o periódico tinha nos pastores e missionários um grupo cativo de leitores. Para ficar apenas no exemplo de A. T. Galvão, em diversas ocasiões ele cita a leitura do

¹⁸⁸ Trata-se das diversas igrejas Assembleias de Deus espalhadas pelo território brasileiro.

¹⁸⁹ Nesta, e nas demais citações do jornal *Mensageiro da Paz*, manteve-se a grafia original. A REDAÇÃO. *Mensageiro da Paz*, Ano II, nº 22, novembro de 1932, p. 07

¹⁹⁰ ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

¹⁹¹ Os membros da igreja que não exerciam oficialmente o cargo de pastor ou missionário.

Mensageiro da Paz, como no trecho a seguir, em que exalta o jornal, quando ocorria a Segunda Guerra Mundial:

Abrir-se um exemplar do “MENSAGEIRO”, depois da leitura dos jornais do dia, é experimentar-se uma sensação de alívio, só comparada à que experimenta o viajante cansado, ao deparar-se-lhe a verdura dum oasis, no seio ressequido do deserto.¹⁹²

Outros leitores eram os crentes leigos e os não crentes. Há inúmeros relatos de como o jornal era lido por estes grupos. A seguir a narração de práticas de leituras, contemplando as duas tipologias de leitores:

Eu e meu espôso resolvemos levar esse MENSAGEIRO DA PAZ aos nossos parentes, pois o jornal representava o trigo que podia alimentar as almas, não devia estar encerrado, devia circular. Partimos para visitar os parentes, levando o MENSAGEIRO DA PAZ. Todos os parentes nos receberam e reuniram-se para ouvir a leitura do MENSAGEIRO, a qual foi um conforto e consôlo para todos quanto ouviram.¹⁹³

Dentre as possibilidades de análise do trecho acima, destaca-se a dimensão da leitura coletiva. Pelo relato é possível perceber alguns detalhes desta prática, como a passagem em várias mãos de um mesmo exemplar do jornal e a leitura em voz alta. Foi por meio desse modo de leitura, que “crentes leigos” possibilitaram que “não crentes” tivessem acesso ao jornal. Ou seja, as práticas de leituras mesclavam-se com estratégias proselitistas. Neste sentido, a circulação do *Mensageiro da Paz* cumpriu um importante papel no processo de evangelização e difusão das ideias pentecostais no Brasil.

2 Campos e atuações de Antônio Torres Galvão

Com a intenção de conhecer mais detalhes sobre a história de vida de A. T. Galvão, observou-se as considerações de Pierre Bourdieu, em seu clássico artigo “A ilusão biográfica”, no qual adverte:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não à associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.¹⁹⁴

Para Bourdieu, não é possível construir a trajetória de um sujeito sem antes identificar as posições que ele ocupou em determinado campo, como ainda as relações

¹⁹² A. T. G. *Mensageiro da Paz*, Ano XI, nº 20, outubro de 1941, p. 06.

¹⁹³ *Mensageiro da Paz*, Ano XIII, nº 07, abril de 1943, p. 04.

¹⁹⁴ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 189-190.

estabelecidas com os demais agentes daquele campo e as possibilidades ali existentes. Por isso, serão trabalhados cinco campos nos quais A. T. Galvão atuou e estabeleceu relações: familiar, religioso, sindical, político e das letras. Estando ciente que estes aspectos interagem, sendo o sujeito capaz de ocupar várias posições simultaneamente e ser agente em diferentes campos num dado momento.¹⁹⁵

2.1 Campo da Família

A. T. Galvão nasceu em 13 de junho de 1905 no sítio Pau Brasil, em Goianinha, no Rio Grande do Norte. Seus pais, foram João Fonseca da Cunha Torres Galvão e Gercina Marceolina Galvão, que tiveram mais três filhas. Durante a infância e a adolescência não teve acesso à educação escolar e trabalhou na agricultura. Em 1927, migrou para Recife e no início da década de 1930 foi para Alagoas, depois retornando para Pernambuco e se estabelecendo na cidade de Paulista, onde casou-se com Geni Viana Ramos, no ano 1933. Eles tiveram 5 filhos, dos quais apenas dois sobreviveram. Antônio Torres Galvão faleceu em 1954, vítima de um infarto.¹⁹⁶

2.2 Campo da Religião

Como a maioria dos nordestinos da zona rural, no início do século XX, A. T. Galvão era católico, situação que se alterou a partir da visita de um parente:

Corria o ano de 1918. Josino Galvão, em visita aos seus parentes, no interior do Rio Grande do Norte, trouxe a mensagem do Evangelho que salva. Tinha eu, então, 13 anos e, a primeira vez que vi a mensagem salvadora, aceitei-a com todo o valor da minha adolescência, sentindo-me logo chamado a testificar do amor de Cristo.¹⁹⁷

Um ano após aderir ao pentecostalismo, com apenas 14 anos de idade, foi incumbido de dirigir os cultos na igreja local:

Coube, porém a José Bezerra Cavalcante, numa visita que nos fez nesse mesmo ano (1919) estimular-me para trabalhar para o Senhor, incumbindo-me de dirigir os cultos naquela próspera congregação, mostrando aos crentes, conforme I Timóteo cap. 4:12, que a pouca idade não era motivo de desprezo.¹⁹⁸

Desde então, A. T. Galvão envolveu-se com a expansão do pentecostalismo pelo sertão nordestino, cooperando com pastores nacionais e missionários estrangeiros. Após migrar para Recife, em 1927, integrou as Assembleias de Deus da capital pernambucana. No início dos anos 1930, foi enviado para trabalhar nas ADs em Alagoas. Em seguida, retornou a Pernambuco para ajudar na igreja do município de Vitória de Santo Antão.

¹⁹⁵ BOURDIEU, 2006.

¹⁹⁶ ARAÚJO, 2007.

¹⁹⁷ A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano IX, nº 18, setembro de 1939, p. 07.

¹⁹⁸ A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano IX, nº 18, setembro de 1939, p. 07.

Após cooperar em vários lugares, no ano de 1932, foi ordenado pastor das ADs em Paulista-PE, permanecendo nesse posto até 1938. Durante esse período, a cidade de Paulista abrigava o maior complexo industrial têxtil da América Latina, com cerca de 20 mil operários na Companhia de Tecidos Paulista (CTP). A empresa pertencia a família Lundgren, literalmente, os donos da cidade, e responsáveis pelas,

[...] perseguições religiosas promovidas na década de 30 e início dos anos 40, no município de Paulista. Vigias das fábricas dos Lundgren, vezes sem conta, surraram crentes humildes que voltavam dos cultos em Abreu e Lima, pois era impossível realizá-los em Paulista.¹⁹⁹

Em 1938, deixou a liderança da igreja em Paulista, para dedicar-se ao trabalho na empresa dos Lundgren. Contudo, continuou como pastor itinerante, isto é, sem dirigir uma igreja específica, mas sendo pregador e ocupando outras funções na estrutura das ADs em Pernambuco. Ele abandonou o pastorado somente em 1947, quando foi eleito deputado estadual.

2.3 Campo do Sindicalismo

Como trabalhador da CTP desempenhou diversas funções, a exemplo de escriturário, intérprete e professor de português para técnicos estrangeiros. Neste ínterim, entrou em contato com o movimento sindical, primeiro na função de secretário. E, em 1942, assumiu a presidência do recém legalizado Sindicato dos Trabalhadores de Fiação e Tecelagem de Paulista e Igarassu.

O período em que esteve na liderança do Sindicato coincide com o da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), época em que muitas indústrias brasileiras foram mobilizadas para o “esforço de guerra”, aumentando consideravelmente a jornada de trabalho dos operários. Segundo Lopes: “Nesse cenário, há uma promessa do pagamento de um salário complementar, como se fosse uma hora extra de 20%, pelo esforço de guerra”²⁰⁰.

O pagamento desta gratificação, muitas vezes negado pela CTP, representou um dos principais pontos de conflitos entre o Sindicato e a Companhia. Os conflitos envolvendo a gestão de A. T. Galvão no Sindicato e a CTP alcançaram o ponto máximo, com a prisão dele:

Em face do conflito com a CTP pelo pagamento do salário do esforço de guerra, Torres Galvão é preso pelo Exército e, no entanto, é solto logo depois pela Polícia Estadual por ordem de Agamenon. Há um conflito público entre o Exército, que apoiava a CTP, e a Polícia Estadual, que apoiava o sindicato.²⁰¹

¹⁹⁹ ARAÚJO, 2007, p. 327.

²⁰⁰ LOPES, José Sérgio Leite. Considerações sobre conflitos em torno dos direitos do trabalho na cidade das chaminés. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; ARAÚJO, Karlene Sayanne Ferreira. (Orgs.). *Historiografia: rastros e vestígios documentais de trabalhadoras e trabalhadores*. Recife: Editora da UFPE, 2022, p. 20-44. p. 33.

²⁰¹ LOPES, 2022, p. 33.

Sua atuação à frente do Sindicato o levou a ocupar o cargo de conselheiro do Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região em Pernambuco – deve-se considerar, também, que a indicação foi facilitada pela forte ligação entre A. T. Galvão e Agamenon Magalhães, ex-ministro do Trabalho e da Justiça de 1934 a 1937 e interventor em Pernambuco durante o Estado Novo (1937-1945). Esta aproximação rendeu a filiação dele ao Partido Social Democrático (PSD), chefiado por Agamenon.²⁰²

2.4 Campo da Política

Após filiar-se ao PSD, A. T. Galvão candidatou-se e foi eleito deputado estadual em 1947, sendo escolhido para compor a mesa diretora da casa legislativa. Seu mandato foi marcado pelo embate com os comunistas, que o chamavam de demagogo e com os Lundgren, pelo fato de representar os interesses dos operários da CTP na Assembleia Legislativa.²⁰³

Em 1951, foi reeleito de forma expressiva, com 4.601 votos, o que o credenciou assumir a presidência do legislativo estadual. A morte de Agamenon Magalhães, em agosto de 1952, possibilitou A. T. Galvão ocupar, interinamente, o cargo de governador de Pernambuco, por 110 dias.

Da sua atuação como deputado, destaca-se: a construção de uma cadeia pública e uma delegacia na cidade de Paulista; a mudança do nome do distrito de Maricota para Abreu e Lima; a participação na cassação do mandato do vereador comunista do município de Paulista, Luiz Braz de Luna; a construção de duas escolas rurais em Paulista; a criação da 2ª Vara da Comarca de Paulista; e a revisão do salário-mínimo regional.²⁰⁴

Contudo, o fato pelo qual A. T. Galvão é mais lembrado é o do projeto de lei que obrigou a desapropriação de 50 hectares de terras do território da CTP, para interesses públicos do município, tornando-se uma área livre:

A área desapropriada localiza-se no atual bairro da Vila Torres Galvão. Tanto pela interpretação do próprio PSD, como através de perspectivas posteriores, o deputado Torres Galvão, apoiado por Agamenon Magalhães, foi o grande responsável pelo feito, chamado de “libertação de Paulista”, ou até mesmo de “lei áurea de Paulista”.²⁰⁵

O segundo mandato de deputado estadual foi interrompido em 1954, com sua morte. Para Fonseca, qualquer análise da atuação política de A. T. Galvão, precisa frisar que ele não recebeu apoio institucional das Assembleias de Deus em sua trajetória na

²⁰² CAVALCANTE, Maria Clara da Silva. *O (re)fazer da cidade: usos e apropriações do espaço urbano de Paulista-Pe*. 2017. Dissertação (mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

²⁰³ NEVES, Anna Maria Litwak. *“O direito que temos é o de morrer de fome”*: os operários da Companhia de Tecidos Paulista e a busca por direitos na Justiça do Trabalho (1950-1952). 2019. Dissertação (mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

²⁰⁴ NEVES, 2019.

²⁰⁵ CAVALCANTE, 2017, p. 119.

política, “[...] uma vez que nesse período a AD não referendava nomes para atuar na vida político-partidária”²⁰⁶.

2.5 Campo da escrita

A. T. Galvão não recebeu educação escolar formal em sua infância. Fato que atrapalhou, mas não impediu o acesso dele ao mundo da leitura e da escrita. Por meio do autodidatismo ele adquiriu um conjunto de saberes que lhe possibilitaram ingressar na educação formal na vida adulta, chegando ao ensino superior e alcançando o grau de bacharel em direito.

Era um leitor voraz, lia tudo que lhe chegava às mãos: jornais diários, literatura (poesia e prosa), história, sociologia, filosofia, legislação e religião²⁰⁷. Também teve acesso a literatura estrangeira, já que era fluente no idioma inglês e no alemão. Nos anos 1940 era detentor de uma biblioteca com aproximadamente mil livros, muitos dos quais adquiridos junto ao missionário Joel Carlson, líder das ADs em Pernambuco de 1918 a 1942.

O primeiro texto do autor, de que se tem registro, foi um artigo publicado no jornal *Som Alegre*, editado no Rio de Janeiro pelo casal de missionários suecos, Gunnar e Frida Vingren, à época, líderes da Assembleias de Deus de São Cristóvão-DF. Após a criação do jornal *Mensageiro da Paz*, A. T. Galvão escreveu regularmente nele sobre política, história, teologia (principalmente escatologia), dentre outros; e em diversos gêneros: editoriais, artigos de opinião, biografias, sermões, resenhas, homenagens e outros.

Em janeiro de 1933, se envolveu em uma polêmica dentro das Assembleias de Deus, após, juntamente com o pastor Amaro Celestino, pôr em circulação, na cidade de Recife, o jornal *A Voz Pentecostal*. Este, foi considerado um desrespeito as decisões da Convenção Geral das Assembleias de Deus, sendo extinto em 1934. Porém, mesmo após este episódio, A. T. Galvão continuou escrevendo regularmente no jornal *Mensageiro da Paz*.

Sua prática de escrita não se deu apenas na imprensa religiosa, ele foi articulista do jornal *Folha da Manhã*, que era ligado ao varguismo e a Agamenon Magalhães. Neste periódico, escrevia uma coluna sobre direitos trabalhistas, política, cotidiano e denunciou os desmandos da família Lundgren sobre o município de Paulista.²⁰⁸

Além da imprensa periódica, A. T. Galvão foi autor de cinco livros: “*A liberdade de Paulista*”, “*Cento e dez dias de governo*” e “*Direito e deveres dos trabalhadores*”, estes abordando questões de natureza política e jurídica; e “*Pontos luminosos*” – uma coletânea de 63 dos seus artigos publicados no *Mensageiro da Paz* e “*A memória do saudoso missionário Joel Carlson*”, uma biografia do missionário sueco. Ele também

²⁰⁶ FONSECA, André Dioneu. “*Temei a Deus, honrai ao Rei*”: revista A Seara e os (des)caminhos do debate sobre a relação igreja/política na imprensa assembleiana (1956-1980). 2017. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 100.

²⁰⁷ Informação baseada nos frequentes autores, livros, periódicos, temas e trechos citados por ele, nos artigos de sua autoria, publicados no jornal *Mensageiro da Paz*, entre 1931 e 1944.

²⁰⁸ CAVALCANTE, 2017.

compôs a letra de dois hinos e traduziu um terceiro, ambos, integram a *Harpa Cristã*, hinário oficial das ADs.

3 O trabalho de mediação de um intelectual pentecostal

Como visto, o jornal *Mensageiro da Paz*, teve papel central na divulgação do pentecostalismo no Brasil, sendo útil para alinhar discursos internos (líderes e crentes leigos), bem como para divulgar ao público externo (não crentes) as ideias pentecostais defendidas pelas Assembleias de Deus. Nele, realça-se a atuação de A. T. Galvão, que se destacou na difusão de conhecimento e como alguém com grande capacidade de articulação, inclusive política, sendo visto como um intelectual mediador.²⁰⁹

Quem investiga o trabalho intelectual deve atentar para duas observações: a primeira se trata de reconhecer que as mediações culturais podem ser praticadas por sujeitos diversos, com valências fundamentais para as sociedades e culturas que eles compõem, mas que comumente não recebam o devido crédito pelo importante papel que desempenham e raramente são identificados como intelectuais; a segunda refere-se à definição do conceito de intelectual tal qual a abordagem teórico-metodológica na perspectiva da categoria intelectual mediador.²¹⁰

Partindo da premissa de que a comunicação de ideias implica, também, em produção, ao menos de sentidos, a questão desta seção é saber como A. T. Galvão comunicou a perspectiva escatológica da iminência do Milênio para um grupo que, à época, era composto majoritariamente por pessoas da classe social menos abastada, de baixo nível instrucional, com pequeno acesso às estruturas de poder, arraigados em uma cultura religiosa católica e, naquele momento, pouco representativos estatisticamente no conjunto da população brasileira.

3.1 A comunicação de ideias escatológicas

No primeiro artigo em que trata do “fim dos tempos”, A. T. Galvão descreve o contexto catastrófico da época. Era o ano de 1931 e as consequências da quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, ainda repercutiam no cenário mundial. O autor cita a corrida armamentista, o desemprego, a falência das empresas, como sinais do fim próximo:

Tudo isto, como uma trombeta alviçareira, nos anuncia que está ás portas o tempo em que “os reinos do mundo se absolverão no reino de Deus e do seu Christo e Elle reinará para todo o sempre”. Apoc. 11:15. Que venha esse dia glorioso quando um só será o Senhor, e um só será o seu Nome!²¹¹

Na medida em que os anos 1930 avançavam e os conflitos bélicos recrudesciam mundo afora, a perspectiva do autor ganha mais argumentos:

[...] a ocupação da Abissínia pela Itália, e da Renania, pelas tropas de Hitler, a guerra civil espanhola, que continua a ensanguentar a pátria

²⁰⁹ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: praticas culturais e ação política* (Orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

²¹⁰ GOMES; HANSEN, 2016.

²¹¹ A. T. G. *Mensageiro da Paz*, Ano I, nº 20, novembro de 1931, p. 05.

de Cervantes, e a crise constitucional inglês, de que resultou a abdicação do Rei Eduardo VIII. A velha Europa parece haver chegado ao fim da sua civilização, e, como se ainda não bastassem para o desequilíbrio do mundo as lutas ali desenroladas entre fascistas e comunistas, eis que no extremo oriente, a China milenária, já começa a sangrar sob os horrores da guerra civil!²¹²

Esta série de acontecimentos, encarados como “sinais dos tempos”, confirmavam a proximidade de algo ainda mais extraordinário, que seria a Volta de Jesus:

Os que têm a Bíblia como seu faról, sabem que a destruição dêste mundo é inevitável, talqualmente o foi a do mundo antigo, e que das suas ruínas, hão de surgir novos céus e nova terra, onde habita a justiça (Apoc. 21:1); Esses, que assim pensam, porém, estão á espera de outro acontecimento muito mais transcendente o arrebatamento dos que com os olhos fitos no céu, dizem como o vidente de Patmos: – “VEM SENHOR JESUS!”.²¹³

Ao falar do arrebatamento, ele apresenta sua perspectiva pré-tribulacionista. Ainda que não use o termo tribulação, ao citar o arrebatamento da igreja, o conceito de Grande Tribulação está implícito, pois sem a existência dela, não seria necessário ocorrer um arrebatamento. Percebe-se, assim, o trabalho de mediação de A. T. Galvão, ao apresentar de forma simples e direta uma doutrina que se tornará prevalente entre os pentecostais no Brasil.

Além do pré-tribulacionismo, A. T. Galvão apresentou ao público leitor o dispensacionalismo. Como se observa nos trechos seguintes:

O dia da dispensação da graça, “o dia da salvação”, “o ano aceitável do Senhor”, está no seu término. O sol já vai desaparecendo no ocaso e o crepúsculo começa a invadir a terra.²¹⁴

Todavia, na dispensação em que vivemos há, para cada indivíduo em particular a oportunidade de encontrar a felicidade interior, mediante a aceitação daquele reino que não vem com aparência exterior e não é comida nem bebida, mas sim justiça, paz e alegria no Espírito Santo, (Lucas 17:20 e Rom.).²¹⁵

Mesmo que a palavra dispensacionalismo, não apareça diretamente nos textos, quando o autor do trecho escreve que a dispensação está no fim, especificamente a da graça, ele aponta que a dispensação seguinte, isto é, a do Milênio, está iminente, que o arrebatamento ocorrerá brevemente e que a Grande Tribulação terá início, de acordo com o dispensacionalismo clássico.²¹⁶

²¹² A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano VII, nº 04, fevereiro de 1937, p. 01.

²¹³ A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano VII, nº 04, fevereiro de 1937, p. 01.

²¹⁴ A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano X, nº. 10, maio de 1940, p. 04). (Grifos no original.

²¹⁵ A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano XI, nº 22, novembro de 1941, p. 02.

²¹⁶ MARTINS, Eric de Oliveira. *O Plano Divino Através dos Séculos: Escatologia dispensacionalista pentecostal*. São Paulo: Recriar, 2020.

Os conceitos escatológicos de pré-tribulacionismo, dispensacionalismo e pré-milenismo, o tripé basilar da escatologia do pentecostalismo no Brasil, teve em A. T. Galvão um de seus principais mediadores. A maneira direta como apresentou e a associação destes com realidades vividas, certamente contribuiu para compreensão destas ideias no meio pentecostal.

A crença pré-milenerista foi vista como uma atitude escapista, fuga da realidade, da parte dos pentecostais. Por outro lado, existem estudos questionando essa interpretação, inclusive, propondo que os pentecostais teologizaram categorias políticas, como afirma Osiel Lourenço:

A fala pentecostal sobre esse reino que virá não aconteceu deslocada da realidade. Além disso, a referida fala não é apenas comparação entre o reino terreno e o reino celestial, mas há uma fusão entre linguagens e arquétipos que descrevem modelos de nação terrena e celeste. Pentecostais que falam sobre o céu, falam a partir de arquétipos e mentalidades políticas.²¹⁷

A seguir serão apresentados alguns posicionamentos políticos de A. T. Galvão, o que de algum modo corrobora a interpretação deste último estudo citado, ou seja, a crença pentecostal pré-milenerista não necessariamente incompatibilizava-se com possuir e expressar uma posição política.

3. 2 Posicionamento Político

Aqui, a ênfase será em como A. T. Galvão trouxe para o público pentecostal sua opinião sobre determinados regimes políticos. Dois detalhes sobressaem-se, primeiro é que os textos analisados são anteriores ao seu envolvimento direto na política partidária; o segundo é perceber como ele articulou seu posicionamento político com a dimensão escatológica.

Inicialmente será evidenciada sua crítica ao regime fascista de Mussolini na Itália. A. T. Galvão, se aproveita de uma querela com o catolicismo para se posicionar contra a invasão da Etiópia pelas tropas fascistas, em 1935:

[...] com a aprovação do Papa que, segundo telegramas publicados nos jornais, afirmou que “as guerras de conquistas são abençoadas por Deus”, partem as legiões fascistas, para o massacre dos abissínios e conquista do vasto Império do Negus, sob o pretexto de civilizar aquelas regiões semi-bárbaras, mas civilizar a tiros de canhão e a rajadas de metralhadoras!²¹⁸

Mais uma vez utilizando um pretexto religioso, como no caso anterior, o autor tece agora uma crítica ao governo nazista de Adolf Hitler na Alemanha:

²¹⁷ LOURENÇO, Osiel. *Pentecostalismo na esfera pública: uma análise a partir do jornal Mensageiro da Paz*. Joinville-SC: Santorini, 2018. p. 128-129.

²¹⁸ A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano V, nº 23, dezembro de 1935, p. 01.

A Alemanha hitlerista apresenta também sintomas alarmantes. Lemos, há pouco, na imprensa de nossa terra, que o chanceler e ditador do Reich, Adolfo Hitler, em resposta ao protesto dos habitantes do Sarre, contra a decisão das autoridades nazistas de retirar das paredes a efígie de Cristo, afirmara que essa medida se justificava, porque, no nacional-socialismo, não havia lugar para mártires, mas somente para heróis.²¹⁹

Assim como manifestou sua contrariedade aos regimes da extrema direita, A. T. Galvão mostrou que estava a par dos expurgos praticados por Stalin e denunciou o regime soviético:

A Rússia soviética continua no sistema de “depuração” fuzilando os seus próprios generais que ousam discordar da brutalidade de Stalin, e procurando implantar a desordem nos outros países, não somente da Europa, como na própria América.²²⁰

Em ambas as ocasiões em que os regimes fascista, nazista e stalinista são criticados, a leitura completa do artigo deixa uma mensagem: tais governos refletem o estado de descabimento da humanidade, portanto, compõem o contexto dos “sinais dos tempos”, então, não se pode esperar algo de bom de tais regimes, pelo contrário, somente deterioração e ruína.

Por outro lado, o governo de Getúlio Vargas recebeu apoio em mais de uma ocasião. Por exemplo, após o golpe que deu origem ao Estado Novo:

Sómente o Brasil conseguiu fazer uma revolução branca, revolução de cima para baixo, graças à argúcia do estadista que, há sete anos nos governa. É de notar, porém, que o presidente Vargas afirmou categoricamente, no preâmbulo da Nova Constituição, que a nação estava “sob a funesta iminência da guerra civil”.²²¹

Em outra ocasião, enaltece a situação de paz no Brasil e faz votos para que o país assim continue sob a labuta de seu “esclarecido chefe”:

Ante os horrores da guerra, baqueiam instituições, e poderosas organizações militares morderam o pó da derrota. O ano de 1942 inicia-se, assim, ante perspectivas sombrias. Oxalá desçam no ano de 1942 a paz e a concórdia sobre os homens, e, particularmente, sobre a grande pátria brasileira, sob a égide do seu *esclarecido chefe - o snr, Getúlio Vargas*.²²²

Este último trecho citado representa uma quebra na lógica de que a paz só poderia ser alcançada mediante a intervenção direta de Jesus na história. E de que não se poderia esperar dias melhores, já que as catástrofes eram “sinais dos tempos”. A. T.

²¹⁹ A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano VII, nº 19, outubro de 1937, p. 02.

²²⁰ A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano VIII, nº 03, fevereiro de 1938, p. 06.

²²¹ A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano VIII, nº 03, fevereiro de 1938, p. 06.

²²² A. T. G. Mensageiro da Paz, Ano XII, nº 03, fevereiro de 1942., p. 04). (grifos do autor).

Galvão, ao manifestar seu desejo de paz à nação brasileira e ao atribuir tal estado às qualidades do “esclarecido chefe – o snr, Getúlio Vargas”, contradiz seu próprio argumento escatológico.

Conclusão

A partir de textos escritos por A. T. Galvão e publicados no *Mensageiro da Paz*, entre 1931 e 1944, tratando das ideias teológicas sobre as “últimas coisas” ou “o fim do mundo”, procurou-se inferir as mediações de natureza escatológicas e políticas realizadas por este autor, junto ao público pentecostal. Para isso, utilizou-se estudos que alargaram as possibilidades de entendimento do trabalho intelectual, por meio da categoria do intelectual mediador.

Primeiro, apresentou-se o suporte onde A. T. Galvão comunicou suas ideias, ou seja, o jornal *Mensageiro da Paz*, em suas dimensões de produção, circulação e leitura; depois, mostrou-se a trajetória do autor nos diversos campos nos quais atuou, tais como da família, da religião, do sindicalismo, da política e das letras. Então, partiu-se para análise dos textos em que ele divulgou o pré-tribulacionismo, o dispensacionalismo e o pré-milenismo.

Destacou-se ainda, que o autor fez críticas aos regimes políticos fascista, nazista e stalinista, ambos, incluídos no conjunto da inevitável deterioração da humanidade, portanto, interpretados como sinais do fim iminente. Já o governo de Getúlio Vargas foi elogiado e alvo de interseção²²³, contradizendo, assim, a argumentação escatológica do autor, de que nenhum governo humano poderia melhorar as condições de vida deste mundo.

Mediante o exposto, é possível considerar que a tese da aversão dos primeiros pentecostais brasileiros a política, como consequência de suas perspectivas escatológicas pré-milenaristas, deve ser relativizada. A investigação da trajetória de vida de A. T. Galvão e de seu trabalho de mediação permite inferir que o campo religioso e o político podem se aproximar e estabelecer relações de poder entre seus agentes.

Ciente que os intelectuais mediadores não são neutros, que seus interesses se materializam por meio de discursos, textos, ideias e posicionamentos políticos.²²⁴ Não é um despropósito cogitar que A. T. Galvão, ao defender o Governo Vargas, estivesse procurando inserir os pentecostais no projeto de construção do Estado nacional brasileiro. Pode-se pensar assim porque durante o Governo Vargas (1930-1945), segundo Costa Filho, havia “[...] uma pluralidade de matizes ideológicos, que circulavam da extrema direita, a vertentes do Socialismo e do Comunismo, com a participação de vanguardistas, tradicionalistas e radicais [...]”²²⁵, envolvidos no projeto de construção do Estado Nacional. Por que não, também, os pentecostais?

²²³ Na semântica pentecostal, significa orar por, rogar a Deus em favor de alguém ou algo.

²²⁴ SOARES, Gabriela Pellegrino. *Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios/USP, 2017.

²²⁵ COSTA FILHO, Cícero João da. Gustavo Barroso: um olhar historiográfico deste antisemita (1933-1937). In: SUZUKI, Júlio César; NEPOMUCENO, Maria Margarida Cintra, ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. (Orgs.). *Intelectuais em circulação na América Latina: diálogos, intercâmbios, redes de sociabilidade*. São Paulo: USP, 2021, p. 58-81. p. 63.



Referências

- ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- CAVALCANTE, Maria Clara da Silva. *O (re)fazer da cidade: usos e apropriações do espaço urbano de Paulista-Pe*. 2017. Dissertação (mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- COSTA FILHO, Cícero João da. Gustavo Barroso: um olhar historiográfico deste antissemita (1933-1937). In: SUZUKI, Júlio César; NEPOMUCENO, Maria Margarida Cintra, ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. (Orgs.). *Intelectuais em circulação na América Latina: diálogos, intercâmbios, redes de sociabilidade*. São Paulo: USP, 2021, p. 58-81.
- FONSECA, André Dioneu. “*Temei a Deus, honrai ao Rei*”: revista A Seara e os (des)caminhos do debate sobre a relação igreja/política na imprensa assembleiana (1956-1980). 2017. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política (orgs.)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- LOPES, José Sérgio Leite. Considerações sobre conflitos em torno dos direitos do trabalho na cidade das chaminés. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; ARAÚJO, Karlene Sayanne Ferreira. (orgs.). *Historiografia: rastros e vestígios documentais de trabalhadoras e trabalhadores*. Recife: Editora da UFPE, 2022, p. 20-44.
- LOURENÇO, Osiel. *Pentecostalismo na esfera pública: uma análise a partir do jornal Mensageiro da Paz*. Joinville-SC: Santorini, 2018.
- MARTINS, Eric de Oliveira. *O Plano Divino Através dos Séculos: Escatologia dispensacionalista pentecostal*. São Paulo: Recriar, 2020.
- NEVES, Anna Maria Litwak. “*O direito que temos é o de morrer de fome*”: os operários da Companhia de Tecidos Paulista e a busca por direitos na Justiça do Trabalho (1950-1952). 2019. Dissertação (mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. *Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios/USP, 2017.